

Arte e ciência: duas poderosas forças de identidade e afluência cultural. Podemos afirmar, mesmo que nem sempre se deseje admitir, que essas duas instâncias de ideologia se convergem no campo do ensino e, portanto no âmbito educacional. A arte, por vezes tão metódica, muitas vezes tão absoluta e matemática, em parte não há como negar, é igualmente cerne do desvario e fruto do acidente expressivo de nossa existência. Não se deveria dizer o mesmo da ciência? Ambas não estão carregadas de regras, modos, receitas fruto de nosso esforço de tudo tentar codificar e explicar? Não é intrigante constatar (quase que cientificamente) a impossibilidade e a impotência de tais tentativas?

Não obstante é intrigante também observar que ambas são capazes, cada uma a seu modo, de preencher nossas almas. Hoffmann, em “O Doutor Coppelius”, ao descrever uma “impressão que absorve nossos pensamentos” nos indica que “Nesses instantes sentes todo o teu ser em fermentação, o sangue aquecido referve-te nas veias, dando-te às faces mais vivo colorido. O teu estranho olhar parece querer discernir, no espaço, objetos invisíveis para qualquer outro olhar humano, e as tuas palavras perdem-se em vagos suspiros”. Muito podemos ser elucidados pela ciência e pela arte. Muito podemos ser confundidos e igualmente iludidos por elas. De qualquer forma, todos esses caminhos também podem, muitas vezes, nos preencher a existência.

Falta-nos palavras, portanto, para descrever a imensa satisfação que é apresentar à sociedade o segundo número da revista científica *SCIAS Arte/Educação*. Resta-nos somente agradecer aos autores aqui presentes, ao Sr. Fernando Carpaneda e toda equipe da FaE e da UEMG que colaborou para esta realização.

Entendemos nossa submissão, não menos espantados e indignados, aos inúmeros paradoxos da essência humana. Esta publicação foi criada porque é necessário falar sobre arte e suas formas de ciência na educação. Com a mesma convicção que sabemos ser inevitável em vários momentos calar-nos diante da força de nossos objetos de estudo. É o próprio Hoffmann que vem ao nosso socorro e nos redime perante você, nosso querido e importante leitor:

“Todos os recursos da linguagem são fracos, insuficientes; todas as expressões desbotadas, sem vida. Continuas insistindo, hesitas, gaguejas; as frias perguntas dos amigos penetram, como sopro gelado, na fôrnalha que te consome a alma, e ameaçam apagá-la. Mas se, como pintor ousado, conseguires desenhar a traços largos os contornos do teu esboço, podes juntar-lhe, sem trabalho, cores cada vez mais vivas e brilhantes; as múltiplas figuras do painel encantam e arrastam os teus amigos, que se reconhecem a si próprios na imagem evolada de tua alma”... Acaso esta descrição não serviria tanto para a Ciência quanto para a Arte? A decisão não é nossa e talvez de cada um de nós. Não procuramos previsões.

Esperamos que vocês se reconheçam nestes artigos e agradecemos, imensamente, sua atenção.

Fabício Andrade